



COR DA PELE DE QUEM? UMA EXPERIÊNCIA COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Raquel da Silva Freitas ¹
Thays Emanuely Alves de Araújo ²

RESUMO

O objetivo deste texto é representar a diversidade racial da população brasileira a partir das atividades cotidianas de pintura tendo como foco discutir as questões étnico-raciais que são pouco ou não trabalhadas no cotidiano da sala de aula e principalmente com as crianças da Educação Infantil. Este texto foi elaborado durante a disciplina de Estágio Supervisionado ofertado pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE – CAA). A educação infantil é o espaço de reconhecimento das diferenças, pois é nesta etapa que as crianças começam a compreender a escola como um lugar plural e diverso.

Palavras-chave: Educação Infantil; Estágio Supervisionado; Relações Étnico-Raciais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil que teve por objetivo a aproximação dos estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco/Campus Acadêmico do agreste (UFPE/CAA) com seu futuro campo de atuação. Que nos permitiu o contato e a observação do trabalho docente e a partir deste, a elaboração de uma proposta do projeto didático “*Cor da pele de quem?*” vivenciado na turma pré-escolar II que teve como objetivo principal representar a diversidade racial da população brasileira a partir das atividades cotidianas de pintura.

Destacamos o Estágio Supervisionado como um espaço de possibilidades diversas na articulação de teoria e prática, uma vez que buscando a compreensão do campo educativo, a relevância da atuação pedagógica na esfera social, Pimenta e Lima (2005/2006, p. 7) caracterizam o estágio como “atitude investigativa, que envolve a reflexão na prática e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade”. Assim, é possível entender a educação como uma área de ação-intervenção direta.

¹ Graduanda do Curso de de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, raqueldasilvafreitas.ufpe@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, thaysemanuely.009@gmail.com



Dentro do ambiente escolar almeja-se ampliar a interação entre os sujeitos. Assim, esta aproximação com a educação infantil é firmada em um diálogo estabelecido no cotidiano da sala de aula, nos momentos de recreação dirigida, de questionamentos das crianças, dos seus interesses nas temáticas das aulas ou até mesmo nas suas capacidades para solucionar algum problema, entendendo a criança como um sujeito ativo e respeitando a posição do mesmo.

Dessa forma, o presente trabalho traz como enfoque a concepção de Pimenta e Lima (2005/2006, p. 11) afirmando que “a profissão docente é uma prática social”, sendo o professor o agente ativo que tem o poder de intervir na realidade social, dentro e fora do ambiente escolar, por meio do processo educativo. E está organizado na seguinte sequência: a) o conceito de estágio e a importância na formação docente; b) compreensão de infância e educação infantil; c) apresentação do campo de estágio; d) apresentação do projeto didático e análises das experiências; e) conclusões.

COMPREENDENDO O ESTÁGIO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

No desenvolvimento do estágio envolve-se a teoria e a prática, para Sacristán (1999, *apud* PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 11) “a prática é institucionalizada, são as formas de educar que ocorrem em diferentes contextos institucionalizados, configurando a cultura e a tradição das instituições”. Assim, compreendemos que a prática é relacionada à cultura, sendo ela envolta por diversos fenômenos da sociedade e da instituição de ensino.

Nesse sentido, a prática tem uma relação direta com a ação, na qual está empregado um lado subjetivo do profissional docente, onde se encontram o agir, o refletir, vontades, a forma de ensinar e as metodologias que pretende desenvolver. A ação sempre tem uma finalidade pedagógica que se relaciona ao processo de ensino-aprendizagem.

A partir desta afinidade prática-ação, Pimenta e Lima (2005/2006, p. 12) concebe que “o papel das teorias é o de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação”, o que nos leva a compreender que as teorias são adequadas



às práticas e assim, não necessitam ser uma regra, mas pode ser mutável para adequar-se a realidade da instituição escolar.

A partir dos conhecimentos destacados sobre teoria e prática, Agostinho (2016 p.54) estabelece “a importância de construir e instaurar o diálogo e trocas intensas entre os professores do curso, no sentido de construirmos e consolidarmos a indissociabilidade entre as disciplinas”, o que permite uma interação entre os professores atuantes no âmbito escolar e também os que estão em formação e admite uma reflexão das práticas e o compartilhamento delas.

O desenvolvimento deste trabalho na educação infantil volta-se para a prática docente e a relação teoria e prática, objetivando refletir as observações e buscar propostas de intervenções para o campo de estágio. A aproximação com o ambiente escolar permite dessa forma um novo olhar sobre a educação infantil.

APROXIMAÇÃO COM OS ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

O sentimento de infância foi sendo modificado ao longo do tempo de acordo com as mudanças na organização da sociedade. Para Kramer (2011, p. 17) o “sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde, na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto em potencial, dotada da capacidade de desenvolvimento”. Nessa acepção, a intenção é a de desenvolver seu caráter, preservando sua inocência.

Foi somente no o século XVIII que surgiu o sentimento de infância. Com a revolução educacional, mudou a maneira de ver a infância no passado, apresentando três características: a primeira diferencia as crianças dos adultos, a segunda deve ser assistida pela escola e a terceira deve ser supervisionada e cuidada pela família. Essa concepção de indivíduos que precisam de cuidados e educação torna as crianças objetos de controle familiar, e elas começam a ser consideradas como indivíduos sociais com direitos.

Segundo Sarmiento e Pinto (1997, p.17), “‘ser criança’ varia entre sociedades, culturas e comunidades”, logo, cada criança é única em seu modo de ser, de se expressar, de aprender. A partir das experiências vividas e a sua interação com o



mundo, sendo possível a construção de significado e assim conhecimento. Mansur (1999) compreende que a infância é um momento singular da vida de cada pessoa e está em constante construção e permanente descoberta. Além disso, é específica, pois acontece de maneira diferenciada de pessoa para pessoa.

No Brasil, a educação das crianças começou no século 20 com o objetivo de reduzir a mortalidade infantil. Nesse período, o crescente processo de industrialização e urbanização do país começou a permitir a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o que levou ao aumento das instituições de atendimento aos filhos pequenos, neste caso, a educação dos filhos era complementar. Portanto, a sociedade começou a estabelecer instituições especiais, incluindo escolas cujo objetivo era educar e regular as crianças moralmente.

O direito a educação para a criança está prescrito na Constituição Federal em vigor que afirma no § 2º, E o acesso ao direito constitucional à educação inicia com a educação infantil, que deve ser ofertado em creches e pré-escolas, às crianças até 5 (cinco) anos de idade, nos termos do inciso IV do art. 208. (BRASIL, 1988).

Consideramos que o conceito de infância esteve por muito tempo associado as noções de cuidar e de educar para o futuro, a respeito da criança como ser historicamente passivo. Sarmiento (2007) apresenta que ao contrário desse pensamento a infância é uma categoria social formada por sujeitos ativos. Ou seja, sujeitos que fazem parte da sociedade, que agem e interpretam o mundo, que produzem a partir das relações com seus pares, adultos e culturas.

Diante disso, percebemos que a grande preocupação da educação infantil é com o modo de expressar sua vivência, a partir de uma aprendizagem voltada ao lúdico e a liberdade, evidenciando a importância da subjetividade da criança. Desse modo, o estágio permite observar a prática docente e refletir sobre esta, buscando assim, aproximar-se do campo educativo para uma educação infantil pautada em um projeto pedagógico que valorize a criança e sua infância.

CAMPO DE ESTÁGIO

O Centro Educacional Albertina Teles de Pontes localizado no município de São Caitano, PE, foi construído em 2011, e inaugurado em 2013, atualmente a escola atende



a educação infantil e o 1º ano. O público alvo da escola conta com 312 crianças (em 2018) com idade entre 4 e 7 anos, são divididas em turmas de pré 1 e 2 e 1º ano, nos turnos da manhã e da tarde. Sua lista de funcionários é composta por uma gestora, que também atua na função de coordenadora pedagógica, 14 professores em sala de aula, uma secretária, uma assistente administrativa, uma bibliotecária, uma cuidadora, monitores e funcionários do serviço terceirizado.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do Centro de Educação Professora Albertina Teles de Pontes foi elaborado com a finalidade de superar os desafios do cotidiano escolar, busca suprir as necessidades do corpo docente e discente da instituição escolar de ensino. Com o intuito de conservar sempre os direitos e deveres de qualquer cidadão segundo o seu PPP a escola tem como objetivo a construção do saber a partir de situações didáticas que colaborem para o crescimento pessoal, social e cultural das crianças para que possam se tornar cidadãos críticos, responsáveis, participativos e capazes de agir e interagir na transformação da sociedade, para isso suas ações visa promover uma sociedade consciente, humana e cidadã.

PENSANDO O PROJETO “COR DA PELE DE QUEM?”

Durante as observações das aulas um dos pontos que nos chamou atenção é a possibilidade e a provocação das falas das crianças, essa interação é estimulada notoriamente pela professora que permite a participação efetiva de diversas maneiras. Dessa forma, “a criança passa a ter condições favoráveis de expressar-se autoral e criativamente” (OSTETO; LEITE, 2004, p.34). Há muitos relatos de fala como conversas e questionamentos, já que todas as crianças se sentem a vontade de se expressar.

A partir disso começamos a analisar as falas dessas crianças principalmente durante a realização das atividades. No decorrer do processo foi possível observar que as crianças quando trabalhavam atividades com cores traziam falas como “me dá o lápis cor de pele tia”. Diante dessa fala foi possível perceber no espaço observado o pouco ou não tratamento das questões étnico-raciais. Conforme Oliveira (2005) práticas racistas nesse período auxilia na manutenção da invisibilidade social do negro, bem como pode acarretar marcas profundas na construção da sua identidade.



Assim, com a observação em sala, chegamos à conclusão que era preciso trabalhar este assunto para que as crianças começassem a se reconhecer enquanto, negras ou brancas, de cabelo liso ou cacheado, na busca do reconhecimento de si e do respeito ao outro enquanto diferente, mas não menos importante. Conversamos com a professora sobre a relevância deste projeto e ela prontamente concordou e elencou pontos que eram necessários de ser trabalhados.

O PROJETO: COR DA PELA DE QUEM?

O Projeto didático *Cor da pele de quem?* É um trabalho de intervenção voltado para uma turma de Pré-escolar II, realizado em dois encontros tendo como foco a representação da diversidade racial da população brasileira a partir das atividades cotidianas de pintura. Essa preocupação emergiu da proposta de reconhecimento de “políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (BRASIL, 1996). Sendo desta forma proporcionado o acesso a essas experiências e a valorização da cultura étnico-racial desde a infância.

A relevância deste projeto didático sinaliza o surgimento de uma questão que atravessa os cotidianos das escolas, a maneira que a sociedade reproduz historicamente o processo de dominação e de exclusão dos afrodescendentes nomeando como cor de pele a branca e europeia. Esse modelo subalterniza os conhecimentos, culturas e identidades influenciando a baixa autoestima das crianças negras, a partir dos preconceitos sofridos por estes estudantes.

De acordo com Santos e Toniosso (2016) foram perpetuados os conflitos entre brancos e negros, e alguns traços desse preconceito ainda é visto atualmente, dentro e fora do âmbito escolar. Ao observar essas relações, é possível identificar a existência dessa ideia o que leva as pessoas a ser discriminadas pela cor da pele.

Como afirma Venturini (2015), a escola é tida como o ambiente onde esses preconceitos e estereótipos precisam ser desconstruídos, a partir da prática docente na valorização da cultura étnico-racial desde a infância. No entanto, é nesse espaço onde existe o preconceito velado, muitas vezes não observado pelos profissionais.

O tratamento diferenciado entre as crianças negras e brancas, e até mesmo o uso do termo “cor de pele” que é tão naturalizado dentro das escolas, trazem consigo o



preconceito encoberto. Existe apenas uma cor de pele? De acordo com Venturini (2015, p.4) “A heterogeneidade cultural como princípio educativo extrapola a noção de identidade nacional e se concretiza por meio das experiências e vivências sociais e culturais que envolvem a individualidade na sociedade”.

É necessário deixar de lado a homogeneidade e a tentativa de igualar todos os alunos em uma mesma cultura, partindo de uma prática pedagógica que parta do princípio da valorização das diferenças e permitindo que as crianças compartilhem suas experiências, expondo suas particularidades, aprendendo uns com os outros dentro de um mesmo âmbito social. Observando assim, que são nas diferenças que a prática educativa se efetiva.

A educação infantil é o espaço para que haja este reconhecimento das diferenças, e esta atividade pode ser desenvolvida como parte da rotina da sala de aula, principalmente nas disciplinas como a de artes, nas quais as crianças podem desenvolver sua criatividade. Neste sentido, o propósito de trabalhar as cores é que elas representem a diversidade racial da população brasileira e desconstruam a ideia de que somente o rosa pode ser usado para pintar a cor da pele das pessoas, despertando a consciência crítica a respeito dos preconceitos e dos mecanismos de exclusão que perpassam a sociedade brasileira.

Buscamos a partir deste projeto didático, mostrar para as crianças a diversidade de tonalidades que existem e a valorização do outro dentro do âmbito escolar e social, discutindo sobre as questões raciais e os padrões envolvidos nas representações e nos materiais, como em ilustrações dos livros, lápis de cores e tintas. Nesse sentido o objetivo Geral do projeto consistiu em Reconhecer à diversidade étnico-racial de forma positiva e como o objetivos específicos elencamos: a) identificar a beleza presente na diferença étnico-racial; b) colaborar para a construção da identidade das crianças; c) contribuir para o desenvolvimento da autoestima das crianças; d) identificar os diferentes povos e culturas afro-brasileiras e africanas.

ANÁLISE DA INTERVENÇÃO REALIZADA EM SALA DE AULA

No primeiro dia do desenvolvimento do projeto didático iniciamos este com uma rápida apresentação sobre o que iríamos fazer e como seria o desenvolvimento da aula.



Preparamos a apresentação de um teatro de fantoches, contamos para eles o nome da história “Menina bonita do laço de fita” e foi estabelecido um diálogo para saber se elas conheciam a história e do que se tratava pelo título, eles começaram a tentar levantar hipóteses sobre a história.

A partir desse momento notamos que as crianças estavam bem à vontade para participar e começamos a apresentação, uma vez que “não basta à criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente.” (HORN, 2008, p.15).

A apresentação ocorreu de forma lúdica, utilizando os fantoches de diversos personagens da história, foi perceptível a concentração das crianças durante todo o momento da leitura. Assim, percebemos que essa novidade chamou atenção delas. Na sequência nos sentamos no chão juntos as crianças, com os fantoches e começamos a conversar sobre a história, “o que elas mais gostaram”, “o que entenderam de determinado momento”, “o que foi novo que elas não sabiam”. Deixamos que elas explorassem os fantoches e conversassem entre si sobre a história.

Retomamos o diálogo relacionando o que elas identificaram na história sobre o que é “ser diferente” para compreender o que elas entenderam sobre esse conceito. Alguns alunos levantaram questões como: “eu sou diferente do meu irmão tia, ele não parece comigo”, “tia, mas os gêmeos não são iguais?”, “acho que ser diferente é não parecer com o outro”, “eu sou diferente dela, olha meu cabelo é cacheado e o dela não”.

Com as respostas colocamos para elas ilustrações/fotos que mostrem a diferença e diversidade de cada povo e pessoa, para levá-las a uma melhor compreensão do tema abordado. A cada imagem perguntamos o que elas identificavam nas imagens e assim também relacionavam a história lida anteriormente. Então se faz necessário “pensar formas de ver a diferença não a partir de um desvio da ‘norma’ e também não tentando trazer o ‘diferente’ para o âmbito do ‘mesmo’ a partir de um apagamento dessas diferenças, pois é assim que se constitui o ‘racismo’” (OLIVEIRA, 2007, p.39).

Após esse momento de conversa e mostra de imagens, começamos trabalhando as cores, de forma lúdica como uma atividade de revisão com uma aquarela em E.V.A.³ esta aquarela possui círculos e estrelas de diferentes cores, ambos com velcro,

³³ Espuma vinílica acetinada.



semelhante a um jogo que precisa formar pares, eles precisam encontrar a estrela que tem a mesma cor do círculo. Dividimos a sala em dois grupos mistos e cada uma de nós ficou com um grupo, entregamos para cada criança uma estrela e pedíamos para que aquele que encontrassem o círculo igual e falassem o nome da cor, perguntávamos então se todos concordavam.

A última cor que apontamos foi a bege, as crianças que estavam com a estrela correspondente colocaram e falaram que a cor era “cor de pele” então perguntamos se todos concordavam e a resposta foi que sim. Então colocamos a aquarela próxima da pele das crianças e perguntamos se era igual? Sendo diferente então porque que o nome daquela cor era “cor de pele”? Qual o nome daquela cor?

Nesse sentindo, compreendemos a construção histórica do racismo, e a falta de discursão durante a formação docente a dar continuidade às lógicas de desigualdade, de inferiorização e a da diferenciação. Deste modo, “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 1996).

Foi nesse momento que entramos na discursão da cor da pele com a paleta de vários tons de cores. Entregamos para cada criança um tom e apontamos para o local de encaixe daquela cor e quando a criança encaixava a cor perguntávamos que cor era aquela ela falava o nome da cor “marrom”, “rosinha claro”, então perguntávamos se aquela cor também era a cor da pele de alguém do grupo e elas diziam que “sim”. Fizemos a ação para que todas as crianças olhassem para sua pele e falassem a seguinte frase “essa é a cor da minha pele”.

Por fim, pedimos para as crianças que elas falassem o que elas entenderam e recebemos respostas como, “Existem muitas cores de pele”, “Minha cor de pele não é bege, é marrom”, “Tia, então o cor de pele é chamado de bege?”, e assim continuamos a conversar e reforçar que há diversos tons de pele, como já tinha sido mostrado anteriormente.

Em nosso segundo encontro, retomamos o diálogo estabelecido sobre as diferenças como uma forma de revisão para observar o que eles lembram sobre a história e o conceito tratado anteriormente. Algumas crianças nos contaram que falaram



para os pais sobre a aula diferente que tiveram e até mesmo procuraram a história anterior para assistir novamente. Uma das meninas da sala nos falou: “Tia, mostrei ao meu pai o fantoche que levei, aí procuramos no youtube o desenho do livro e eu assisti com ele várias vezes”.

Logo após, iniciamos com a leitura de deleite do livro *OBAX* (ANDRÉ NEVES, 2010) que proporcionou um passeio pela diversidade e pluralidade do continente africano. Mostrando pra eles a realidade existente em outro continente, pra que observassem que a diversidade racial é global, existente em todo o mundo. Notamos o encantamento das crianças pela história, que ouviam bem atentas a tudo que estava sendo lido.

A aproximação com a história de outros continentes é importante para o reconhecimento das crianças negras e para que elas sintam-se representadas no âmbito escolar, “mesmo sendo o Brasil um país em que parte considerável da população é composta por pessoas negras, a escola não tem incluído em seu currículo ou em suas propostas pedagógicas a cultura africana” (SANTOS; TONIOSSO, 2016, p. 6). O currículo das escolas tende a valorizar sempre a cultura do “branco”, deixando o negro no esquecimento.

Neste dia, trabalhamos com tinta, fizemos uma atividade de mistura das cores, levamos várias cores de tinta guache, e a misturamos as cores para que cada criança possa encontrar o seu tom de pele e perceber a diferença desse modo valorativo e respeitoso. E final pedimos para que cada aluno fizesse um autorretrato pintando a palma da sua mão com a sua tonalidade de pele assim podemos trazer outras formas de desenhar e expressar a arte.

Ajudamos as crianças a pintar suas mãos e depois elas fizeram os detalhes do seu rosto como o cabelo, olhos e boca. Neste momento observamos que eles se olhavam e ajudavam uns aos outros a identificar suas características, tanto os traços com as cores, para construir os detalhes do seu autorretrato. Eles pediram para fazerem outros desenhos no contorno da folha, obviamente dissemos que eles ficassem a vontade para desenhar as coisas das quais eles tivessem vontade. Compreendemos que esta é uma das formas que as crianças têm de se expressar e usar sua imaginação.



Sendo assim, o projeto didático nos levou a perceber o quanto é necessário trabalhar questões raciais em sala de aula, proporcionando aos alunos uma reflexão sobre a diversidade étnico-racial existente, o reconhecimento de si e a valorização das diferenças. Evitando situações de preconceito e exclusão social, além de permitir o contato com outras culturas que não seja apenas a eurocêntrica.

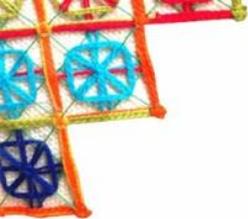
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da compreensão sobre a educação e a aproximação com o campo do estágio, conseguimos observar e identificar diferentes ações e práticas docentes que direcionam o cotidiano da sala de aula. Vivendo a experiência de tratar sobre as relações étnico-raciais a partir da reflexão de uma atitude, aparentemente insignificante, de chamar o bege de cor de pele. Sendo possível esta realização através do fazer pedagógico, tendo a prática como autorreflexão na construção profissional.

Com o olhar direcionado para a criança, enquanto sujeito principal da construção de conhecimento, destacamos que durante as regências do estágio a participação efetiva de cada uma nas atividades propostas, como também a subjetividade no modo de expressar-se e reconhecer-se. Nesse sentido, os efeitos da prática ganham especificidade por abordar uma educação da infância, na qual o elemento central é ter a criança como sujeito ativo e também reflexivo, dotado de vontades e necessidades.

A experiência de observar as crianças e também o (a) docente proporciona que passamos encontrar as dificuldades do reconhecimento de si a partir de questões simples do dia a dia. Nas quais, observamos o pouco tratamento de questões étnico-raciais, o que nos levou a questionar qual o lugar que a criança negra tem dentro da sala de aula e da comunidade escolar que se aproxima da maneira eurocêntrica. O estágio possibilita pensar em nossa formação e nossa prática pedagógica na busca de desenvolver estratégias para solucionar tais desafios.

Deste modo, nossa prática teve a infância como etapa fundamental da construção da identidade da criança, em busca de uma aproximação com sua cultura. Sendo relevante, pois a infância consiste em uma fase de descobertas e formação de identidades o que proporciona o surgimento de novos desafios, que em alguns casos não são fáceis de solucionar e muitas vezes não correspondem à expectativa do (a) docente.



A relevância desse estágio em nossa formação é a partir do ambiente escolar compreender o que já foi estudado e através da experiência refletir e pensar na prática pedagógica a ser desenvolvida. Podendo interpretar situações de construção de aprendizagem na educação infantil e a descoberta desse novo mundo social para eles. Sendo um ambiente de constantes desafios e experiências, que exige uma constante reflexão da prática docente.

Além de nos aproximar com o vínculo de teoria e prática que é muito presente em nosso cotidiano, no entanto muitas vezes não são pensados. Consideramos, portanto, que a educação das relações étnico-raciais é um espaço complexo e que esse desafio exige tanto a atenção da escola em todos os seus âmbitos quanto também da autorreflexão do (a) docente.

Referências

AGOSTINHO, Kátia. O estágio na educação infantil no curso de pedagogia: nova configuração, novos desafios e outros nem tão novos assim. **Zero-a-Seis**, v. 18, n. 33, p. 50-64, 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Artmed Editora, 2009.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Achiamé, 1982.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

OLIVEIRA, Fabiana de. Relações raciais na creche. IN: Oliveira, Iolanda de; SILVA Pretronilha Beatriz Gonçalves e; PINTO, Regina Phin (Orgs). **Negro e Educação**: escola, identidade, cultura e políticas públicas. São Paulo: ANPED Educativa, 2005. p. 29-39.

SANTOS, Angelita Lopes; TONIOSSO, José Pedro. Relações Étnico-Raciais Na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. **As crianças: contextos e identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

Santos, Angelita Lopes; Tonioosso, José Pedro. **Relações Étnico-Raciais Na Educação Infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2016.

Vinturini, Andressa. **As Relações Étnico-Raciais Na Educação Infantil**. Universidade Federal de Santa Maria, 2015.